

Doutrina teleológica das ciências, o princípio de somente julgar na evidência e o mundo como solo originário das idealizações científicas

Teleological doctrine of the sciences, the principle of judging only in evidence and the world as the original soil of scientific idealizations

Carlos Diógenes Côrtes Tourinho¹
Universidade Federal Fluminense – UFF (Niterói-RJ/Brasil)²

116

RESUMO

O presente artigo aborda a doutrina teleológica das ciências em Husserl. Inicialmente, mostra que as ciências caminham em direção à ideia fim de se constituir como “ciência autêntica”. Em seguida, mostra que tal caminhar não seria possível sem que os juízos científicos estivessem fundados na evidência de um estado de coisas. Por fim, o artigo mostra que tal evidência supõe a evidência da presença das coisas elas mesmas que, em última instância, pertenceriam ao mundo, entendido como solo originário das idealizações científicas. Eis, portanto, o objetivo do presente artigo: elucidar a conexão entre a doutrina teleológica das ciências, o princípio de somente julgar na evidência e a suposição inevitável do mundo como horizonte último das ciências.

PALAVRAS-CHAVE

Edmund Husserl; teleologia; ciências; evidência; mundo.

ABSTRACT

The present paper approaches the teleological doctrine of sciences in Husserl. Initially, it shows that the sciences move towards the idea of constituting themselves as "authentic science". After that, it

¹ Coordenador do Laboratório de Fenomenologia – LAFE: <https://laboratoriodefenomenologia.uff.br/>

² E-Mail: : cdctourinho@yahoo.com.br; Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5963-599X>

shows that such a walk would not be possible without scientific judgments being based on the evidence of a state of things. Finally, the paper shows that such evidence suppose the evidence of the presence of the things themselves that ultimately would belong to the world, understood as a soil originating from scientific idealizations. Here, therefore, is the objective of this paper: to elucidate the connection between the teleological doctrine of the sciences, the principle of only judging in evidence and the inevitable supposition of the world as the ultimate horizon of the sciences.

KEYWORDS

Edmund Husserl; teleology; sciences; evidence; world

1 INTRODUÇÃO

Uma análise breve da concepção husserliana da Filosofia como um *telos* espiritual do homem europeu nos faz passar do ideal da razão filosófica, da “ideia de uma tarefa infinita” (*Idee einer unendlichen Aufgabe*), para a marcha das ciências que, enquanto “ciências particulares” (*Sonderwissenschaften*), consistiriam, para Husserl, em ramificações sistemáticas da própria Filosofia (ou ainda em “ramificações de uma *sapientia universalis*”)³. Tais ciências abrigariam, por sua vez, suas próprias realizações teleológicas. Trata-se do que se convencionou chamar, em Husserl, de “doutrina teleológica das ciências”, isto é, a doutrina segundo a qual tais realizações sucedem-se, guiadas pela ideia fim (*Zweckidee*) de se constituir como “ciência autêntica” (*echter Wissenschaft*), em níveis crescentes de perfeição, desenrolando-se em uma marcha cujo caminho se abre ao infinito sob tal determinação teleológica. Tal ideia fim cumpriria, na visão de Husserl, um papel decisivo na determinação do sentido de “ciência”, assim como da dinâmica das realizações científicas. Mas, o que essa doutrina – que coloca, de um lado, os esforços científicos e suas realizações e, de outro, uma ideia fim que as guia continuamente – nos revelaria, exatamente? Procuraremos introduzi-la e, ao fazê-lo, mostrar que as ciências caminham em direção à ideia fim em questão e que tal caminhar não seria possível sem que os juízos científicos estivessem fundados na evidência de um estado de coisas que, por sua vez, supõe a evidência da presença das coisas elas mesmas que, em última instância, pertenceriam ao mundo, aqui entendido como solo originário das idealizações científicas. Eis, portanto, o objetivo do presente artigo: elucidar a conexão entre a doutrina teleológica das ciências, o princípio de somente julgar na evidência e a suposição inevitável do mundo como horizonte último das ciências. Começemos, então, pela introdução da doutrina em questão.

117

³ Husserl, E. “Die Krisis des europäischen Menschentums und die Philosophie”, I, p. 321. “...*die allen Wissenschaften als Zweige einer sapientia universalis*”. HUSSERL, *Formale und transzendente Logik*. Versuch einer Kritik der logischen Vernunft. Tübingen : Max Niemeyer Verlag, ([1929] 1981), p. 4.

2 CONSIDERAÇÕES SOBRE A DOUTRINA TELEOLÓGICA DAS CIÊNCIAS

Pode-se dizer que a doutrina teleológica das ciências corresponde apenas a um dos aspectos do intrincado e complexo tema da teleologia na fenomenologia husserliana que, como assinala Rudolf Bernet, aparece dominada por “motivos teleológicos”⁴. Trata-se de um tema que, nos termos de Derrida, “nunca cessou de fundar e de animar o pensamento husserliano”⁵. Di Huang destaca, por sua vez, que: “Nós temos visto que teleologia em Husserl é uma noção complicada e de várias camadas”⁶. A doutrina teleológica das ciências consiste apenas em uma dessas camadas, não deixando, contudo, de se conectar, nesse caso específico, com as realizações teleológicas inerentes à vida intencional sem a qual conhecimento genuíno algum se tornaria possível (uma vez que, do ponto de vista metodológico, para Husserl, não há conhecimento genuíno se não houver preenchimento intuitivo dos atos intencionais)⁷. Daí Husserl dizer, em seu seminário de inverno de 1923, que: “O que nós chamamos conhecimento teórico ou científico é uma organização superior que nos remete para níveis inferiores do conhecimento, como a intuição sensível e suas formas variadas...”⁸.

No que concerne à doutrina teleológica das ciências, podemos dizer, inicialmente, que as ciências teriam, para além de suas capacidades teóricas e práticas, uma teleologia própria que as guiaria⁹. Tal teleologia consiste em pretender realizar, por um esforço contínuo, a ideia diretriz de se constituir como uma “ciência autêntica” (*echter Wissenschaft*), conforme salienta Husserl, no § 4 de *Meditações Cartesianas*¹⁰. Não se trata, como assinala o autor, da formação do conceito de “ciência” através de uma abstração comparativa baseada nas ciências fáticas, mas sim, de uma pretensão que tais ciências trariam consigo, sem que pudessem justificá-la através de sua própria existência enquanto fenômeno de cultura. E é justamente nessa pretensão para a qual Husserl nos chama a atenção que encontramos, pode-se dizer, a ciência como “ideia” – “ideia de ciência autêntica” (*Idee echter Wissenschaft*).

118

⁴ Bernet, R. *La vie du sujet. Recherches sur l'interprétation de Husserl dans la phenomenology*. Paris: Presses Universitaires de France, 1994, p. 121.

⁵ Derrida, J. “Introduction”. In: Husserl, E. *L'origine de la géométrie*. Paris: PUF. Epiméthée, ([1962] 2010), p.168.

⁶ Huang, D. “Normativity and Teleology in Husserl's Genetic Phenomenology”. In: *Husserl Studies*. 38, 2022, p. 33.

⁷ Husserl, E. *Logische Untersuchungen*. Zweiter Band. Teil II. “Elemente einer phänomenologischen Aufklärung der Erkenntnis”. Stuttgart, Tübingen: Max Niemeyer Verlag, [1901] 1913b / 1968, §16, p. 65.

⁸ “...was wir theoretisches oder wissenschaftliches Erkennen nennen, nur eine ausgezeichnete Höhengestaltung ist, die sich auf niedere Erkenntnisstufen zurückbezieht: so auf das vielgestaltige sinnliche Anschauen...”. Husserl, [1923/1924] 1956, p. 46.

⁹ “Enquanto tais as ciências tem um sentido teleológico em direção ao qual elas tendem em todos os seus esforços” (*Als das haben sie einen Zwecksinn, auf den da beständig hinausgestrebt, hinausgewollt ist*). Husserl, *Formale und transzendente Logik*. Versuch einer Kritik der logischen Vernunft. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, ([1929] 1981), p. 8.

¹⁰ Husserl, E. *Cartesianische Meditationen und Pariser Vorträge*. Husserliana (Band I). Den Haag, Netherlands: Martinus Nijhoff, [1931/ 1929] 1973, § 4.

Trata-se do ideal de uma ciência que, em conformidade com seu objeto, pudesse obter verdades cuja validade abrangesse, definitivamente, a todos e de uma vez por todas. Eis, na visão de Husserl, um fim último que, por ser meramente “ideal”, se manteria no horizonte das realizações científicas. A ideia de ciência autêntica seria, portanto, definida como ideia teleológica última que polarizaria com os esforços da ciência em suas realizações.

No geral, a atividade científica avança, segundo Husserl, através de esforços renovados, de realização em realização, de um estágio menos perfeito para outro com maior perfeição, através de aproximações sucessivas, em direção à obtenção de um conhecimento cada vez mais preciso. Husserl considera, no mesmo § 4 de *Meditações Cartesianas*, o conhecimento como uma “aquisição permanente” (*bleibender Erwerb*) para a qual as ciências podem retornar, reproduzindo, inúmeras vezes, a sua demonstração¹¹. Trata-se, portanto, de um movimento através do qual a ciência assegura, nos termos do autor, a liberdade de “realizar de novo” (*Wieder-
verwirklichung*)¹², de retornar novamente a uma justificação estabelecida, demonstrada como identicamente a mesma, fazendo dela própria uma “aquisição” (*Erwerb*), revivendo-a quantas vezes for necessário. Todavia, malgrado essa liberdade de retornar a um conhecimento adquirido, se a ciência exerce, de tempos em tempos, a corrigibilidade de suas conjecturas, é na medida em que tal movimento de revisão é determinado por algo que atua, em geral, como uma “tração ininterrupta” no próprio trabalho científico, capaz de fazer com que as ciências avancem em direção a um momento de realização mais perfeito que o anterior. Neste sentido, pode-se dizer que as ciências convergem, segundo Husserl, conforme esclarece no § 5 de *Meditações*, para aquilo que, em última instância, aspiram, em sentido verdadeiro e próprio, como um fim ideal: o alcance de verdades “válidas de uma vez por todas e para todos” (*ein für allemal und für jedermann gültig*)¹³.

Deste modo, afirma-nos o autor, a despeito de tal processo de corrigibilidade inerente à atividade científica (pois, sabemos que as ciências não evoluíram sem a possibilidade do erro e revisão de suas hipóteses), nada poderia impedir as ciências de viver, por um contínuo “esforço científico” (*wissenschaftliches Streben*), o sentido do que aspiram e do que as move, preservando, ininterruptamente, uma ideia clara e distinta desse fim último almejado¹⁴. As ciências desenvolvem-se, então, na visão husserliana, em um “progresso infinito” (*unendlichen Progressus*), inclinadas à busca por maior exatidão e precisão, exibindo um estado corrente de realização, no qual

¹¹ Husserl, E. *Cartesianische Meditationen und Pariser Vorträge*, p. 51.

¹² Husserl, E. *Cartesianische Meditationen und Pariser Vorträge*, p. 51.

¹³ Husserl, E. *Cartesianische Meditationen und Pariser Vorträge*, p. 53. Husserl voltaria a se expressar nesses termos, no manuscrito da *Origem da Geometria*, datado de 1936: “Em conformidade com a essência da ciência, torna-se, então, o papel de seus funcionários exigir permanentemente ou ter a certeza pessoal que tudo o que é trazido a eles à enunciação científica seja dito de ‘uma vez por todas’...”. Husserl, E. “Beilage III, zu §9a”. In: *Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie*. Husserliana. Netherlands: Martinus Nijhoff, ([1936] 1976), p. 373.

¹⁴ Husserl, E. *Cartesianische Meditationen und Pariser Vorträge*, p. 50.

tendem para o alcance de uma perfeição crescente, gradualmente realizada. Tal estado corrente de realização é, por conseguinte, algo “relativo” para a ciência, na medida em que os momentos alcançados tornam-se, enquanto realizações parciais, objetivos intermediários entre estados com maior e menor perfeição¹⁵. Daí Husserl dizer, em seu seminário de inverno de 1924, especificamente, na Lição 29 do Volume II de *Filosofia Primeira*: no que concerne ao processo infinito de realização do movimento em direção ao conhecimento, “todo fim último é apenas um *telos* relativo” (“*jedes Endziel ist nur relatives τέλος*”)¹⁶. As ciências vivenciam, com isso, nos termos da lição acima, certa “nostalgia” (“*Sehnsucht*”), na medida em que sustentam, continuamente, através de atos de conhecimento, uma aspiração infinita, realizada, contudo, apenas de maneira relativa¹⁷. Seja como for, um estado atual vivido pela ciência é, de qualquer modo, um estado mais completo que aquele que lhe precedeu, de modo que o que foi alcançado no momento seguinte seria como que o *telos* (relativo) para o qual a ciência tendeu em seu estado anterior. Assim, guiadas por esta “ideia fim” (*Zweckidee*) para a qual Husserl nos chama a atenção, as ciências creem superar o conhecimento ingênuo, bem como superar *in infinitum* a si próprias, em sua tendência para a universalidade¹⁸.

Sabemos, é certo, que as ciências não podem, dado que suas realizações são *parciais*, alcançar plenamente o fim que, em última instância, almejam. Isso não impede, contudo, conforme dito, que as ciências convirjam, malgrado suas especialidades, para uma ideia clara e distinta desse fim último, vivenciando-o, continuamente, em suas realizações. Tratar-se-ia, portanto, de uma presença ideal e permanente no horizonte das ciências. Porém, uma presença cuja realização plena encontrar-se-ia no infinito, tornando-se, por conseguinte, um ideal *jamaiz* preenchido plenamente pela ciência. Contudo, uma coisa é certa: o avanço teleológico das ciências não seria possível sem que o modo de pensar judicativo próprio das ciências estivesse fundado na evidência de um estado de coisas. É o que examinaremos a partir de agora.

120

3 SOBRE O PRINCÍPIO DE SOMENTE JULGAR NA EVIDÊNCIA

É na letra “e” do famoso § 9 de *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental* (1936) que Husserl nos diz que é da própria essência das ciências da natureza – “é *a priori* o seu modo de ser” (*es ist a priori ihre Seinsweise*)¹⁹ – evoluir

¹⁵ Muralt, A. *The Idea of Phenomenology: Husserlian Exemplarism*, Evanston: Northwestern University Press, 1974, p. 11. Neste sentido, como Husserl nos lembra, em nota do manuscrito da *Origem da Geometria* (1936): a enunciação científica permanece sempre provisória, posto que cada um dos momentos são realizações parciais (e, portanto, relativas). Husserl, E. “Beilage III, zu §9a”. In: *Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie*. Husserliana. Netherlands: Martinus Nijhoff, ([1936] 1976), p. 373.

¹⁶ Husserl, *Erste Philosophie*. Zweiter Teil. The Netherlands: Martinus Nijhoff, [1923/1924] 1959 b, p. 14.

¹⁷ Husserl, *Erste Philosophie*. Zweiter Teil, p. 14.

¹⁸ Husserl, E. *Cartesianische Meditationen und Pariser Vorträge*, p. 53.

¹⁹ Husserl, E. *Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie*, § 9 (letra “e”), p. 41.

através da elaboração e continua confirmação de suas hipóteses. Enquanto uma dada conjectura, toda hipótese traz consigo uma explicação sobre um dado objeto. A explicação é, por sua vez, por definição, “parcial”, uma vez que explicar consiste em tratar uma coisa em termos de outra (jamais em seus próprios termos!). Na hipótese, a explicação aparece mediante a relação condicional entre juízos. Enquanto uma dada conjectura, uma hipótese somente se torna uma “verdade científica” (*wissenschaftliche Wahrheit*) – concebida como um conjunto de relações predicativas fundadas na evidência²⁰ – na medida em que o cientista é bem sucedido em demonstrá-la experimentalmente. Mas, apesar dessa demonstração, toda hipótese permanece, nos termos de Husserl, uma “hipótese para sempre” (*denn die Hypothese bleibt trotz der Bewährung auch weiter und für immer Hypothese*)²¹. Sabemos que o que conta, decisivamente, a favor da aceitação de uma teoria em ciência é o seu poder explicativo e preditivo. E o aumento gradativo desse poder somente se torna possível através dessa dupla operação de formular hipóteses sobre os objetos e demonstrá-las experimentalmente. Daí Husserl dizer que é da essência das ciências da natureza “ser hipótese até o infinito e, até o infinito, confirmação” (*ins Unendliche Hypothese und ins Unendliche Bewährung zu sein*)²².

Para Husserl, o modo de pensar da ciência é um modo “judicativo” (*urteilendes Denken*)²³. Como vimos, hipóteses científicas contêm explicações sobre objetos, relacionando, por sua vez, em um conjunto de relações predicativas, juízos em termos condicionais (ou causais). Porém, Husserl nos alerta que o cientista não quer apenas formular juízos sobre objetos. Antes sim, procura fundá-los na “evidência” de um “estado-de-coisa” (*Sachverhalt*)²⁴. Trata-se aí do princípio husserliano de “somente julgar na evidência” (*nur in Evidenz zu urteilen*)²⁵. O conceito de “evidência” (*Evidenz, Einsicht*) assume, como sabemos, um papel central no programa da fenomenologia husserliana, uma vez que se encontra, desde *Investigações Lógicas* (1901), intimamente relacionado à ideia de “preenchimento intuitivo”, na qual a coisa visada significativamente se evidencia em sua “presença”, gerando uma síntese entre intenções significativas e intuitivas. Neste sentido, a evidência da presença da coisa – visada significativamente e apreendida na intenção intuitiva – consiste na evidência da sua presença à consciência sob o modo do “apreendido ela mesma” (*Selbsterfaßten*), do “visto ela mesma” (*Selbstgesehenen*)²⁶. Daí Husserl dizer, no § 16, do Capítulo 3 da Sexta Investigação: “Equiparamos o preenchimento ao

²⁰ Husserl, E. *Cartesianische Meditationen und Pariser Vorträge*, p. 52.

²¹ Husserl, E. *Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie*, § 9 (letra “e”), p. 41.

²² *Idem.*, p. 41.

²³ Husserl, E. *Formale und transzendente Logik*. Versuch einer Kritik der logischen Vernunft. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, [1929] 1981, § 5, p. 23.

²⁴ Husserl, E. *Cartesianische Meditationen und Pariser Vorträge*, p. 51.

²⁵ Husserl, E. *Erste Philosophie* (1923/1924). Erster Teil. The Netherlands: Martinus Nijhoff, [1923/1924] 1959 a, p. 18.

²⁶ Husserl, *Formale und transzendente Logik*. Versuch einer Kritik der logischen Vernunft. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, ([1929] 1981), p. 141.

conhecimento (em sentido estrito)” (“*Wir hatten Erfüllung mit Erkennung (im engeren Sinn) gleichgesetzt*”)²⁷.

Acrescenta-se a isso que a evidência de um estado de coisa pensado (*Denksachverhalt*) – expressa, predicativamente, em uma ação judicativa – supõe, segundo Husserl, uma evidência pré-predicativa da própria coisa em sua “efetiva doação” (*die wirkliche Selbstgebung der Sachenreicht*), o que faz com que o princípio de somente julgar na evidência esteja fundado em evidências anteriores a quaisquer predicções. Temos, então, conforme os termos empregados por Husserl (quase três décadas após a publicação da primeira edição de *Investigações Lógicas*), no § 84 de *Lógica Formal e Lógica Transcendental* (1929), algo como uma “hierarquia de evidências” (*Stufenfolge der Evidenzen*) e, neste sentido, nos encontramos em condições de compreender a tese anunciada no § 4 de *Meditações Cartesianas*, segundo a qual: “toda evidência predicativa implica em uma evidência pré-predicativa” (*Prädikative Evidenz schließt vorprädikative ein*)²⁸. Quer dizer, implica, em última instância, caso façamos uma gênese do sentido dos juízos, em qualquer coisa visada, respectivamente, vista evidentemente (na esfera sensível) e expressa na esfera predicativa (primeiramente, nos “juízos de experiência”). Husserl confirma essa tese em *Experiência e Juízo* (*Erfahrung und Urteil*), manuscrito publicado postumamente em 1939, ao afirmar, no § 10, que: “É sobre as evidências da experiência que devem, finalmente, se fundar todas as evidências predicativas” (*Auf die Evidenzen der Erfahrung sollen sich letztlich alle prädikativen Evidenzen gründen*)²⁹. O autor nos diz, no mesmo parágrafo, que a hierarquia dos julgamentos e de seus sentidos corresponde à hierarquia das evidências, de modo que “as verdades e as evidências primeiras em si devem ser as verdades e as evidências individuais” (“...*die an sich ersten Wahrheiten und Evidenzen müssen die individuellen sein*”)³⁰. Quando seguimos o fio condutor da gênese do sentido, recuando até o seu nível mais baixo, deparamo-nos com “juízos sobre indivíduos” (*Individualurteile*), por meio dos quais temos a evidência de estados de coisas individuais. Neste sentido, nesta hierarquia, os juízos cuja evidência é, efetivamente, a mais originária devem ser *a priori* os “juízos de experiência” (*Erfahrungsurteile*), dirigidos sobre os dados da percepção. Trata-se de juízos sobre indivíduos que, por sua vez, nos são revelados diretamente pela experiência, aqui concebida, no sentido “primeiro” (*ersten*) e “mais forte” (*prägnantesten*), como “referência direta ao indivíduo” (*als direkte Beziehung auf Individuelles*)³¹. Daí Husserl afirmar: “o que é primeiro em si em uma teoria dos julgamentos evidentes é o retorno genético das evidências predicativas à evidência não predicativa que se

²⁷ Husserl, E. *Logische Untersuchungen*. Zweiter Band. Teil II. “Elemente einer phänomenologischen Aufklärung der Erkenntnis”. Stuttgart, Tübingen: Max Niemeyer Verlag, [1901] 1913b / 1968, §16, p. 65.

²⁸ Husserl, E. *Cartesianische Meditationen und Pariser Vorträge*, § 4, p. 52.

²⁹ Husserl, E. *Erfahrung und Urteil*. *Untersuchungen zur Genealogie der Logik*. Prag: Copyright by Academia Verlagsbuchhandlung, 1939, § 10, p. 38.

³⁰ Husserl, *Formale und transzendente Logik*. Versuch einer Kritik der logischen Vernunft. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, [1929] 1981, p. 182.

³¹ *Idem*, p. 183.

chama então *experiência*”³². Esta última evidência entra no julgar que se encontra no nível o mais baixo do ponto de vista genético. Encontramo-nos frente ao começo primeiro em si de uma teoria sistemática do julgamento. Localizando-nos neste começo é que podemos descobrir que a distinção entre intenção presumida e seu preenchimento não pertence exclusivamente à esfera predicativa, mas, supõe, no retorno predicativo da gênese do sentido, a experiência pré-predicativa. Por isso, o autor nos diz que toda “evidência predicativa implica em uma evidência pré-predicativa” (*Prädikative Evidenz schließt vorprädikative ein*)³³. E o que isso implicaria, propriamente, para a marcha teleológica das ciências? Vejamos

4 O MUNDO COMO SOLO ORIGINÁRIO DAS REALIZAÇÕES CIENTÍFICAS

Se a evidência consiste, segundo o próprio autor, no princípio primeiro que deve reger, do ponto de vista metodológico, toda a investigação fenomenológica, é na medida em que a evidência de um estado de coisas supõe, conforme vimos, a doação efetiva das próprias coisas já na esfera da experiência pré-predicativa, notadamente, no vivido de percepção, considerado por Husserl como paradigmático em relação aos demais³⁴. Daí Husserl reiterar, explicitamente, no importante § 59 de *Lógica Formal e Lógica Transcendental* (1929), que: “O modo originário da doação das coisas elas mesmas é a percepção” (“*Der Urmodus der Selbstgebung ist die Wahrnehmung*”)³⁵. Nos termos de Emmanuel Levinas: “A percepção se caracteriza pelo fato de ter seu objeto ‘em carne e osso’ (*leibhaftig*) diante dela. É por isso que ela é um ato intuitivo privilegiado, uma intuição originária, como Husserl a denomina”³⁶. As ciências não poderiam, portanto, seguir uma marcha de realizações progressivas sem que os juízos formulados sobre os objetos estivessem, em alguma medida, fundados na evidência das coisas e essas copertencessem umas às outras em um mesmo sistema de conexões causais.

Mas, para que façam parte desse sistema, as coisas devem pertencer ao mundo, aqui entendido como uma espécie de “subsolo pré-científico”, anterior a toda idealidade (seja ela científica ou não). Nos termos de Paul Ricoeur, tratar-se-ia do

123

³² “Danach ist unter Gesichtspunkten dieser Genesis die an sich erste Urteilstheorie die Theorie der evidenten Urteile (und damit in einer Urteilstheorie überhaupt) die genetische Rückführung der prädikativen Evidenzen auf die nichtprädikative Evidenz, die da Erfahrung heist”. *Ibidem*, p. 186.

³³ Husserl, E. *Cartesianische Meditationen und Pariser Vorträge*, § 4, p. 52. Husserl retornaria ainda a esse tema em *Erfahrung und Urteil* (1939), ao afirmar, ao final do § 9 e início do § 10, que: “É sobre as evidências da experiência que devem finalmente se fundar todas as evidências predicativas”. Husserl, *Expérience et Jugement. Recherches en vue d’une généalogie de la logique*. Paris: PUF, 1970, §§ 9 e 10, p. 47.

³⁴ Husserl, E. *Logische Untersuchungen*. Zweiter Band. Teil II. “Elemente einer phänomenologischen Aufklärung der Erkenntnis”. Stuttgart, Tübingen: Max Niemeyer Verlag, [1901] 1913b, 1968, §§ 21/37.

³⁵ Husserl, *Formale und transzendente Logik*. Versuch einer Kritik der logischen Vernunft. Tübingen : Max Niemeyer Verlag, ([1929] 1981), p. 141.

³⁶ Levinas, E. *Théorie de l’intuition dans la phénoménologie de Husserl*. Paris : Librairie Philosophique J. VRIN, 1963, p. 108.

mundo enquanto “domínio” (*Gebiet*), isto é, enquanto “o que precede todas às metas” (“...le ‘domaine’ est ce qui précède tous les buts”)³⁷, encontrando-se anteriormente a quaisquer formações teleológicas fragmentadas (como aquelas que assistimos na marcha teleológica das ciências, a propósito da busca pela demonstração de novas hipóteses em direção ao infinito). O mundo é, portanto, neste sentido inicial de “domínio” (*Gebiet*), o “solo” (*Boden*) que precede às realizações científicas e sobre o qual as mesmas serão construídas³⁸.

Se considerarmos, conforme vimos anteriormente, que toda evidência predicativa se funda em uma evidência pré-predicativa, teremos já aí, poder-se-ia dizer, a ideia de um avanço teleológico fundado em certa “descida” (ou “retorno”). Mas qual o sentido desse *retorno* (*Rückgangs*), pergunta-nos Husserl no § 10 de *Erfahrung und Urteil* (1939)?³⁹ No mesmo parágrafo, o autor esclarece que a tarefa de elucidação do fundamento originário dos juízos predicativos em evidências pré-predicativas, se identifica com a tarefa de retorno ao mundo como “solo universal de todas as experiências singulares, como mundo da experiência predado imediatamente e antes de toda operação lógica” (“...*Rückgangs auf die Welt, wie sie als universaler Boden aller einzelnen Erfahrungen, als Welt der Erfahrung vorgegeben ist, unmittelbar und vor allen logischen Leistungen*”)⁴⁰. O retorno ao mundo da experiência (*Welt der Erfahrung*) consiste, portanto, esclarece-nos, por fim, o autor, em retorno ao “mundo da vida” (“*Lebenswelt*”), entendido como “...o mundo no qual nós vivemos sempre já, e que constitui o solo de toda a operação de conhecimento e de toda determinação científica” (“...*die Welt, in der wir immer schon leben, und die den Boden für alle Erkenntnisleistung abgibt und für alle wissenschaftliche Bestimmung*”)⁴¹.

Quando dizemos, portanto, que as ciências avançam em um progresso infinito, de realizações em realizações, em direção a um polo infinitamente distante, pode-se dizer que estamos diante de uma teleologia “horizontal” (estado de realização científica 1 → estado de realização científica 2 → estado de realização científica 3..... → “ideia fim”/polo infinitamente distante). Porém, as ciências não poderiam seguir tal marcha teleológica sem que os juízos sobre os objetos estivessem, em alguma medida, fundados na evidência de um estado de coisas que, por sua vez, supõe, na experiência pré-predicativa, a evidência das próprias coisas. Neste sentido, as ciências aproximam-se, assintoticamente, de tal ideia fim, na medida em que elas mesmas avançam, incorporando às suas realizações anteriores uma nova realização científica assegurada novamente pela evidenciação dos objetos.

É preciso dizer ainda que nada disso seria possível sem que houvesse um “horizonte de humanidade” (isto é, sem que houvesse comunidades de homens de

³⁷ Ricoeur, P. “l’originare et la question-en-retour dans la *Krisis* de Husserl”. In : *A l’école de la phénoménologie*. Paris : Librairie Philosophique J. Vrin, ([1949] 2004), p. 373.

³⁸ *Idem*, p. 373.

³⁹ Husserl, E. *Erfahrung und Urteil. Untersuchungen zur Genealogie der Logik*. Prag: Copyright by Academia Verlagsbuchhandlung, 1939, § 10, p. 38.

⁴⁰ *Idem*, § 10, p. 38.

⁴¹ *Ibidem*, § 10, p. 38.

ciência, cujos esforços renovados convergissem em torno de sucessivas realizações científicas, movidas, malgrado à especificidade de cada área da ciência, para uma *mesma* ideia fim). Esse mesmo horizonte de humanidade não deixaria, por sua vez, de ter, como seu pano de fundo, o “horizonte de todos os horizontes”: o mundo, o “solo” (*Boden*) ao qual pertencem os seres em geral (sejam eles humanos ou não). Todas as realizações científicas implicariam, em última instância, nesta “Terra como solo” (*der Erde als “Boden”*), conforme nos diz Husserl, em um opúsculo redigido em maio de 1934⁴², conhecido do grande público sob o título de “A Terra não se move”.

Estamos agora diante de uma teleologia “vertical”. Talvez, por isso, Husserl se refira, no título da famosa letra “h” do § 9 de *Crise*, ao mundo da vida (*Lebenswelt*) como “fundamento de sentido esquecido da ciência da natureza” (*vergessenes Sinnefundament der Naturwissenschaft*)⁴³. Aurélio Rizzacasa destaca que: “Ao tratar da crise das ciências europeias, a reflexão de Husserl encontra no mundo da vida o *telos* que foi sistematicamente esquecido pelas ciências da natureza no progresso de sua gênese histórica”⁴⁴. Com a crise em questão, perdeu-se do horizonte a indispensável relação de contituidade das realizações teleológicas com a *Lebenswelt*, espécie de “substrato” dessa gênese histórica⁴⁵. Com isso, o progresso dessa marcha teleológica das ciências – no qual as realizações se sucedem umas as outras, guiadas, em uma “teleologia horizontal”, por uma ideia fim – não seria possível sem que nos remetesse, em última instância, em uma “teleologia vertical”, para esse solo originário ao qual *pertence*, reciprocamente, toda a humanidade, todos os seres vivos e todas as coisas em geral.

125

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se dizer, a título de conclusão, que a conexão entre a doutrina teleológica das ciências, o princípio de somente julgar na evidência e o mundo como solo originário das idealizações científicas revela, ao menos, três princípios propedêuticos à fenomenologia husserliana: o primeiro deles consiste na evidência como um “primeiro princípio metódico” (*erstes methodisches Prinzip*) a reger a investigação científica⁴⁶. Afinal, as ciências não avançariam, em termos teleológicos, sem que formulassem juízos sobre seus objetos, não de maneira fortuita, mas fundando-os na *evidência* de um estado de coisas; o segundo nos mostra que se toda evidência predicativa implica em uma evidencia pré-predicativa, tendo a primeira como seu

⁴² Husserl, E. “Grundlegenden Untersuchungen zum phänomenologischen Ursprung der Räumlichkeit der Natur”. In: Farber, M. (ed.) *Philosophical Essays in memory of Edmund Husserl*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, [1934] 1940, p. 309.

⁴³ Husserl, E. *Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie*, § 9 (letra “h”), p. 48.

⁴⁴ Rizzacasa, A. “The Epistemology of the Sciences of Nature in Relation to the Teleology of Research in the Thought of the Later Husserl”, p. 79.

⁴⁵ Rizzacasa, A. “History, intersubjectivity and *Lebenswelt*: The individualising dynamisms of passions and the tying of communal order”, p. 141.

⁴⁶ Husserl, E. *Cartesianische Meditationen und Pariser Vorträge*, § 5, p. 54.

fundamento essa última, numa teoria sobre a gênese dos juízos, somos, inevitavelmente, remetidos à experiência anterior às predicções, enquanto um tema primeiro (*erstes Thema*) em si de uma teoria dos juízos⁴⁷; por fim, nada disso seria possível sem a suposição do mundo como solo originário das idealizações científicas, entendido como fundamento necessário (*notwendiges Fundament*) dessas últimas⁴⁸. O problema da fundamentação da marcha teleológica das ciências nos remeteria, então, ao menos, para três conceitos principais da fenomenologia husserliana: evidência, experiência e mundo.

REFERÊNCIAS

- HUANG, D. "Normativity and Teleology in Husserl's Genetic Phenomenology". In : *Husserl Studies*. 38, 2022
- BERNET, R. *La vie du sujet. Recherches sur l'interprétation de Husserl dans la phenomenology*. Paris : Presses Universitaires de France, 1994.
- DERRIDA, J. "Introduction". In : Husserl, E. *L'origine de la géométrie*. Paris: PUF. Epiméthée, ([1962] 2010)
- HUSSERL, E. *Logische Untersuchungen*. Zweiter Band. Teil I. "Untersuchungen zur Phänomenologie und Theorie der Erkenntnis". Stuttgart, Tübingen: Max Niemeyer Verlag, ([1901] 1913a, 1968).
- HUSSERL, E. *Logische Untersuchungen*. Zweiter Band. Teil II. "Elemente einer phänomenologischen Aufklärung der Erkenntnis". Stuttgart, Tübingen: Max Niemeyer Verlag, ([1901] 1913b, 1968).
- HUSSERL, E. *Erste Philosophie* (1923/1924). Erster Teil. The Netherlands: Martinus Nijhoff, ([1923/1924] 1959 a).
- HUSSERL, E. *Erste Philosophie* (1923/1924). Zweiter Teil. The Netherlands: Martinus Nijhoff, ([1923/1924] 1959 b).
- HUSSERL, E. *Formale und transzendente Logik*. Versuch einer Kritik der logischen Vernunft. TÜBINGEN: Max Niemeyer Verlag, ([1929] 1981).
- HUSSERL, E. *Cartesianische Meditationen und Pariser Vorträge*. Husserliana (Band I). Den Haag, Netherlands: Martinus Nijhoff, ([1931/ 1929] 1973).
- HUSSERL, E. "Grundlegenden Untersuchungen zum phänomenologischen Ursprung der Räumlichkeit der Natur". In: Farber, M. (ed.) *Philosophical Essays in memory of Edmund Husserl*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, ([1934] 1940).
- HUSSERL, E. "Die Krisis des europäischen Menschentums und die Philosophie". In: Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie. Husserliana. Band VI. Netherlands: Martinus Nijhoff, ([1935] 1976).

⁴⁷ HUSSERL, *Formale und transzendente Logik*. Versuch einer Kritik der logischen Vernunft. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, [1929] 1981, § 86, *Die Evidenz der vorprädikativen Erfahrung als an sich erstes Thema der transzendentalen Urteilstheorie. Das Erfahrungsurteil als das Urteil des Ursprungs*, pp. 185-188.

⁴⁸ Daí Husserl dizer, no § 10 de *Experiência e Juízo*, que a experiência originária do mundo da vida (*ursprüngliche lebensweltliche Erfahrung*) não comportaria nenhuma dessas idealizações, mas seria, ainda assim, o seu fundamento necessário (*notwendiges Fundament*). HUSSERL, E. *Erfahrung und Urteil. Untersuchungen zur Genealogie der Logik*. Prag: Copyright by Academia Verlagsbuchhandlung, 1939, § 10, pp. 43/44.

HUSSERL, E. *Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendttranszendente Phänomenologie*. Band VI. Netherlands: Martinus Nijhoff, ([1936] 1976).

HUSSERL, E. "Beilage III, zu §9a". In: *Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie*. Husserliana. Band VI. Netherlands: Martinus Nijhoff, ([1936] 1976).

HUSSERL, E. *Erfahrung und Urteil. Untersuchungen zur Genealogie der Logik*. Prag: Copyright by Academia Verlagsbuchhandlung, 1939.

LEVINAS, E. *Théorie de l'intuition dans la phénoménologie de Husserl*. Paris: Librairie Philosophique J. VRIN, 1963.

MURALT, A. *The Idea of Phenomenology: Husserlian Exemplarism*, Evanston: Northwestern University Press, 1974.

RICOEUR, P. "l'originare et la question-en-retour dans la *Krisis* de Husserl". In : *A l'école de la phénoménologie*. Paris : J. VRIN, ([1949] 2004), pp. 361-378.

RIZZACASA, A. "The Epistemology of the Sciences of Nature in Relation to the Teleology of Research in the Thought of the Later Husserl". In: *The Teleologies in Husserlian Phenomenology*. Analecta Husserliana (Volume IX). Editor: Anna-Tereza Tymiencka. Dordrecht/ Boston/ London: D. Reidel Publishing Company, 1979, pp. 73-84.

RIZZACASA, A. "History, intersubjectivity and Lebenswelt: The individualising dynamisms of passions and the tying of communal order". In: *Life in the glory of its radiating manifestations*. Analecta Husserliana (Volume XLVIII). Editor: Anna-Tereza Tymiencka. Dordrecht: Springer, 1996, pp. 135-144.

Submetido: 24 de junho de 2025

Aceito: 20 de julho 2025